

As aranhas que choram e sorriem: resenha do livro *Aranhas*, de Carlos Henrique Schroeder

Spiders that cry and smile: review of the book *Aranhas*, by Carlos Henrique Schroeder

Jacques Fux*
EMGE/Dom Helder, SKEMA e PUCMG
jacfux@gmail.com

Assim Carlos Henrique Schroeder, em seu novo livro *Aranhas*, nos convida para passear pelos sorrisos e horrores de seus aracnídeos:

Bertrand-Jean Redon, pintor e artista gráfico conhecido como Odilon Redon (1840-1916), foi um mestre simbolista da pintura e das artes gráficas. Interlocutor de Paul Gaughin, Georges Seurat e Mallarmé, desenhou em 1881, com carvão vegetal, duas peças perturbadoras: *A aranha chorando*, que se encontra numa coleção particular na Holanda, e *A aranha sorrindo*, que está no Louvre, em Paris. Tenho pesadelos constantes com essas pinturas, onde vejo minha cabeça ali, ora chorando, ora sorrindo. Então escrevi este livro. E os pesadelos continuaram (SCHROEDER, 220, p.11).

Schroeder nos permite revistar as obras de Odilon Redon; desenhos e pinturas que não nos deixam impassíveis. Admirar os trabalhos do pintor e grafista francês nos causa espanto, inquietação, curiosidade e admiração – além de nos permitir visitar o simbolismo e seus parceiros Gaughin, Seurat, Mallarmé e Huysmans: uma teia que vai se abrindo, fruto da proposta do escritor catarinense.

A obra de Redon é caracterizada pela exploração do fantástico, do maravilhoso e do perturbador. Além disso, ele tem vários trabalhos dedicados ao universo fantasmagórico e onírico. Se observarmos sua fase colorida, há um pouco mais de leveza ao abordar temas de cunho mitológico, literário, espiritualista e naturezas mortas. Porém, é em sua fase *noir* que a perscrutação por pesadelos salta aos olhos – e nos fazem acordar metamorfoseados por sonhos intranquilos. É nessa (kafkiana?)

* Jacques Fux é escritor e professor do EMGE/Dom Helder, SKEMA e da PUCMG. Matemático, mestre em Computação, doutor em Literatura pela UFMG e pela Université de Lille 3, França. Foi pesquisador em Harvard (2012- 2014). Seus livros foram publicados na Itália, México, Peru e Israel.

fase que *A aranha que ri*, *A aranha que chora* e o *Homem cactos* nos tiram o sono – assim como perturbaram o sono do narrador de *Aranhas*.

E isso não acontece por mero acaso: as mãos do escritor catarinense fornecem essas teias e conexões. As aranhas de Redon e Schroeder mostram uma criatura meio-humana e meio-monstro que nos incomoda, encanta e nos aprisiona. Essas aranhas choram, são tristes, têm a cabeça (e os pensamentos?) de um homem e doze pernas (ou trinta e dois capítulos) que versam sobre diferentes temas e assuntos – desde o banal e cotidiano, até as questões artísticas e literárias. Redon e o narrador de *Aranhas* pintam e descrevem uma aranha que, além de assustar, também sorri para o leitor, porém, em tom de escárnio e desprezo. Um escárnio macabro: o mórbido que enfrenta e duela contra a vida; que encara, mas sempre perde da morte.

Por meio de uma variedade grande e rica de aracnídeos, Schroeder constrói uma teia literária e hipertextual, ligando um conto, uma história, um “causo” e uma memória a outros temas caros ao olhar arguto do narrador. Amor, abuso, preconceito, morte, inveja, violência e literatura perpassam os trinta e dois textos reunidos no livro; cada um leva o nome de uma espécie aracnídea e nos abre portas, autores e livros.

Além de Redon, Schroeder brinca com outros autores e telas. E com os jogos literários. Em “Reclusa-castanha-chilena (*Laxosceles laeta*)”, escreve:

Em *Aranha negra* (1842), do escritor suíço Jeremias Gotthelf (1797-1854), uma terrível aranha gigante aterroriza e dizima a população local após a quebra de um pacto com o diabo. Elias Canetti, Thomas Mann e Otto Maria Carpeaux eram fãs do livro de Gotthelf, mas não sabiam que a história tinha um fundo de verdade. Conquistadores espanhóis testemunharam o ataque de uma aranha gigante nos Andes, numa tribo de Mapuche, na divisa da Argentina com o Chile. O problema é que as testemunhas ficaram tão aterrorizadas que nunca conseguiram dormir e enlouqueceram. Mas a história chegou para Gotthelf, que criou o livro, que chegou a mim, que chegou a você. (SCHROEDER, 220, p.139).

Aqui revisitamos a literatura de Canetti, Mann e Carpeaux e percebemos como eles atuam como precursores de Gotthelf. Jorge Luis Borges, em seu comentado “Kafka e Seus Precursores”, faz uma inversão da linha temporal, uma subversão do que se chamaria de “influência”: negando explicitamente o “passar” cartesiano do tempo, o escritor argentino apresenta o conceito fundamental de que “cada escritor cria seus precursores; sua obra modifica nossa concepção do passado, como há de modificar o futuro” (BORGES, 1997, p. 97.) Afirma, ainda, que à medida que o tempo

passa outras interpretações podem ser dadas às obras, sempre com a redoma do sujeito envolvendo a escrita e seu significado. *Aranhas*, portanto, nos faz revisitar (ou reconhecer/recriar) obras de arte e textos clássicos e inéditos (e também outros autores e épocas) que exploram esse emaranhado tema. Um convite a nos perder-prender à uma rede-teia de imagens e armadilhas.

Referências

BORGES, J. L. *Obras Completas II*. São Paulo: Editora Globo, 1997.

SCHROEDER, C. H. *Aranhas*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

Recebido em 15/10/2020

Aceito em 15/12/2020

Publicado em 20/12/2020